

Olhando para o mar

Quando dores se misturam

OLHANDO PARA O MAR

Quando dores se misturam

Já era a segunda vez que se sentava para ver como estava o machucado que o tênis novo lhe provocava. Abaixou um pouco o calçado no calcanhar, puxou a meia e constatou que a área vermelha que havia visto há 15 minutos atrás já havia virado uma bolha.

Lamentou não ter um *band aid* no bolso e ter saído para dar uma caminhada à beira mar sem um tostão no bolso. Procurou ajeitar a meia, dobrou para baixo o cano de modo a que o tecido ficasse duplo em cima da área lesionada com a expectativa de amenizar o latejo ou de evitar que a bolha estourasse antes de chegar ao hotel.

Olhou para o mar e se perguntou como os *slogans* são criados, afinal o pôr do sol em João Pessoa é bonito, mas com que critério o Governo da Paraíba divulga que é o mais lindo do Nordeste? Do calcanhar ao *slogan*, passaram-se 120 segundos sem lembrar da dor maior que machucava seu corpo todo e atingia a alma que ele sempre pensou, como agnóstico convicto, que não tinha.

Arrependeu-se de ter acatado os conselhos dados pelos amigos da Corretora de Ações da qual era sócio na Avenida Berrini em São Paulo. Sentia claramente que ter feito essa viagem não o levaria a esquecer tudo que aconteceu, sequer propiciaria alívio, pois, ao contrário, ter tanto tempo livre era profícuo para divagações em torno de um conjunto infinito de “ses”.

Nem a beleza da Praia de Cabo Branco era suficiente para aplacar aquela dor.

Queria saber que psicólogo de araque inventou que “viajar é se reencontrar, é se refazer, é sair de seu ambiente para ver em você mesmo o que não é possível, quando se permanece na rotina”. Balela! Não é possível sairmos de nós mesmos, não se pode desvestir a própria pele, temos que enfrentar os demônios que nos habitam. Ao menos, fazer essa reflexão já serviu para se passarem mais alguns minutos e serem percorridos outros 100 metros. Como chegaria ao final do dia? A que horas a exaustão do seu corpo se transformaria em sono essa noite?

O alívio inicial que a meia dobrada ofereceu já se foi. O calcanhar dói e a cabeça lateja, a cada vez que a lembrança terrível lhe volta à mente. O celular tilinta e, rapidamente, constatar que é sua ex-mulher só faz aumentar o ritmo em que pulsa sua fronte. Decide não atender, porque sabe que a conversa vai ser a mesma dos últimos dias, ela vai acusá-lo de ser o principal responsável, de ter falhado como pai, de não ter tido capacidade de ser uma referência para o filho, numa infinita sequência de *eteceteras*, cheios de meias verdades e de autoenganos.

Resolve sentar de novo, dar outra olhadinha no pé direito, aliviar a dor, não a do coração, porque essa parece que nunca vai passar, mas a do calcanhar que aumentou, cujo consolo é saber que estará curada daqui uns dias.

Olhou para o casal que, ao parar numa das muitas barracas à beira mais, fica em dúvida se vai de caipirinha ou água de coco. Preferem a primeira com bastante açúcar e gelo. Ficam ali olhando o horizonte, embebedando-se não com o *drink*, mas com a chance de, por meio das dez prestações pagas à CVC, ver o pôr do sol de João Pessoa.

Constata logo que é um cretino, em função do preconceito que estava destilando em relação ao casal de meia idade. Por que não se pode ser feliz com tão pouco? Qual o problema de se usar regata verde *neon* com bermuda avermelhada e sandália Rider? O celular dela com capinha *pink* cravejada de lantejoulas compete com a estampa exagerada do conjunto de bermuda e miniblusa, que ela insiste em puxar para esconder as dobrinhas da barriga. Ainda assim, parece muito feliz.

Provavelmente, eles não passaram pela tragédia que ele passou. Teriam filhos? Talvez até netos. Morariam em Osasco ou São Mateus? Funcionários

públicos ou pequenos comerciantes? O sotaque era de paulistano sem dúvida, mas com certeza nunca se hospedaram no Fasano...

A lembrança terrível voltou em dose dupla: a cena que não lhe sai da cabeça e o calcanhar que dói num ritmo alternado em relação às temporas. Resolve continuar a caminhada, enfrentar o que tem que ser vencido ou que lhe vencerá. Olha para a Churrascaria Sal e Brasa, do outro lado da avenida, extremamente iluminada, aguardando os clientes para o jantar. Vê logo em seguida uma sorveteria e depois de mais duas ou três esquinas passa pelo Hotel HPlus.

Quem teve a ideia de plantar dois pinheiros na frente de um hotel localizado tão perto do Equador? Deve ter custado caro transportar essas duas árvores até aqui. É certeza que não cresceram neste lugar. Tudo bem que, nos condomínios da Nordelta na Grande Buenos Aires, também têm palmeiras tropicais, que são transportadas por caminhões gigantescos replantadas com guindastes, mas coqueiros são alegres e pinheiros são tristes.

Lembrou dos terríveis momentos no cemitério jardim, em cuja entrada vários pinheiros solenes olhavam tristemente para os cortejos que entravam. Naquele dia, passou pela sua cabeça que ver o gramado deveria passar tranquilidade, afinal é uma paisagem menos vetusta que a dos mausoléus de granito negro que povoam os cemitérios mais antigos, mas, na sequência, olhar para a relva perfeita lhe deixou a alma ainda mais vazia.

De novo está pensando em alma. Que consolo lhe pode oferecer essa aceitação agora? Daqui a pouco vai imaginar que pode reencontrá-lo no céu. Quantas vezes discutiu com sua mãe e seu irmão, por acreditar que era uma babaquice sequer supor que haveria vida depois da morte. Sempre se negou a lhes acompanhar às missas de domingo e ao cemitério onde estava enterrado o pai que morreu tão jovem. Era muita cretinice, mas que isso era oportunismo, agarrar-se agora a essa hipótese, somente para sangrar menos com a dor da perda que está vivendo.

Sangrar? Resolve sentar novamente no murinho que separa a calçada da praia, para dar uma espiada no calcanhar. A bolha estourou e já aparece a carne rosada sem qualquer película epidérmica. Poderia chamar um Uber, mas não quer retirar o celular do bolso, para não se dar conta de quantas

vezes sua mulher pode ter ligado desde que abaixou o som do aparelho, quando ele tocou há 15 minutos.

Resolve continuar andando e percebe que deixar sangrar o calcinhar, à medida que percorre os 800 metros que ainda lhe separam de Hotel Cabo Branco Atlântico é o único modo, nesse momento, de, se não é possível esquecer o que está vivendo, deixar misturar a dor do calcinhar com a outra, aquela interminável, com a qual terá que se defrontar até o final dos seus dias, aquela dor que vai sempre lhe obrigar a perguntar o que teria sido possível ter feito.

O sol se pôs, não há mais chance de lutar contra a pertinência ou não do *slogan*, não dá mais para disfarçar, como diria o Gonzaguinha e, por isso, chora copiosamente, como nunca chorou antes. Diante dos olhos inundados, repassa as imagens do suicídio do seu filho de 15 anos. Sabe muito bem que não há lágrimas, promessa de céu ou *band aid* que amenize esse sofrimento.

Dezembro de 2019

Carminha Beltrão